CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 05/03/2022 - 05:56

Do massacre na Ucrânia à guerra que Putin já perdeu

PUTIN IMPÕE BLOQUEIO AO FACEBOOK E RESTRINGE ACESSO AO TWITTER E A SITES DE EMISSORAS ESTRANGEIRAS, COMO A BBC. NOTÍCIAS CONSIDERADAS FALSAS PELO KREMLIN PODEM DAR 15 ANOS DE CADEIA AOS AUTORES

Lei da mordaça russa

» VINICIUS DORIA
Especial para o **Correio**

O presidente russo, Vladimir Putin, assinou, ontem, lei que prevê penas severas de prisão e multa para quem publicar "informações falsas" sobre as Forças Armadas e a guerra na Ucrânia. A divulgação de informações que possam "desacreditar" o Exército russo pode render aos autores até 15 anos de cadeia.

Também enfrentará a Justiça quem pedir "sanções contra a Rússia", que vive um estrangulamento econômico por parte do Ocidente.

Em outra frente de batalha contra os meios de comunicação, o órgão regulador do setor na Rússia, o Roskomnadzor, bloqueou o acesso da população ao Facebook e "restringiu" o acesso ao Twitter. "Milhões de russos comuns, em breve, serão privados de informações confiáveis e silenciados de falar", disse Nick Clegg, vice-presidente da Meta, matriz do Facebook.

Para controlar ainda mais as informações que a população russa recebe sobre o conflito, as autoridades aumentaram a pressão sobre os poucos meios de comunicação independentes que continuaram trabalhando no país.

O Roskomnadzor limitou o acesso aos sites da edição em russo das emissoras BBC, do Reino Unido, e da alemã Deutsche Welle, bem como ao portal independente Meduza e à rádio Svoboda, financiada pelo Congresso dos EUA. A BBC decidiu retirar seus jornalistas da Rússia.

No dia anterior, a emblemática estação de rádio Ecos de Moscou anunciou a dissolução da emissora por causa da pressão do governo russo. A rede de televisão de oposição Dojd também suspendeu as atividades. The Village, agenda cultural de referência em Moscou, decidiu fechar o escritório na capital russa e transferir-se para Varsóvia, na Polônia.

De acordo com um observatório de direitos humanos na Rússia, OVD-Info, mais de 8 mil pessoas foram presas no país desde que a guerra começou, por terem se manifestado contra a invasão.

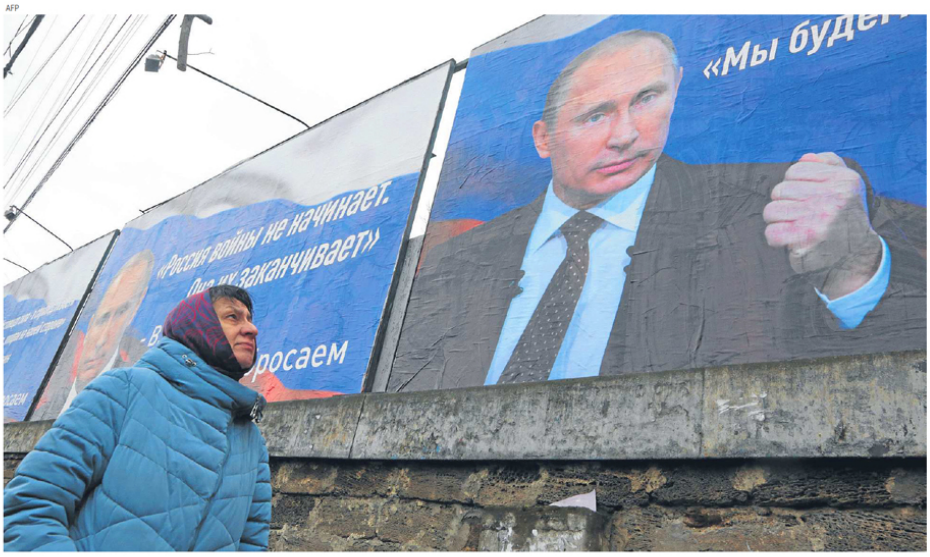
O presidente da Duma (parlamento da Rússia), Vyacheslav Volodin, culpou as redes sociais com sede nos EUA de serem "usadas como armas" para espalhar "ódio e mentiras". Algo que "devemos nos opor", explicou. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que não é hora de divisão, "é hora de nos unir em torno de nosso presidente".

Culpar os ucranianos pela guerra tem sido uma estratégia de Putin voltada para o público interno. Sobre o ataque à maior usina nuclear da Europa, na quinta-feira, o Kremlin divulga que foi um ato de sabotagem da Ucrânia.

Um canal russo veiculou reportagem em que diz que foram os próprios ucranianos que destruíram o maior avião do mundo, o Antonov-225 Mriya, destruído no aeroporto de Hostomel, próximo a Kiev, no terceiro dia do conflito.

Aliás, a imprensa russa está proibida de usar a palavra "guerra". Para o governo Putin, o que há é uma operação especial para "desmilitarizar" e desnazificar" a Ucrânia.

AFP



Em Simferopol, na Crimeia ocupada, outdoors de Putin divulgam textos como "A Rússia não começa guerras, acaba com elas" (E) e "Vamos desnazificar a Ucrânia"

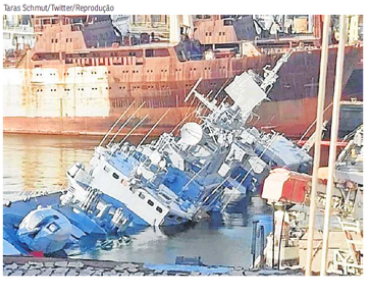
Negociadores voltam a se encontrar até amanhã

A terceira rodada de negociações entre representantes da Rússia e da Ucrânia por um cessar-fogo pode ocorrer ainda neste fim de semana. O principal negociador ucraniano, Mikhail Podolyak, disse, em Lviv, na fronteira com a Polônia, que "pode acontecer amanhã (hoje) ou depois de amanhã (domingo). Mantemos contato. Permanecemos on-line. Quando estiver claro que estamos prontos, por exemplo, para discutir o cessar-fogo, que há uma opção pronta, iremos".

A informação também foi publicada pela agência estatal de notícias russa Tass e confirmada pelo governo da Alemanha, após um telefonema entre o primeiro-ministro, Olaf Schols, e o presidente da Rússia, Vladimir Putin. Na conversa, Putin negou que as forças de seu país estejam bombardeando cidades ucranianas, apesar da grande quantidade de imagens de destruição enviadas por moradores, jornalistas e observadores internacionais que estão nas zonas de conflito.

No último encontro, quinta-feira passada, os dois lados acordaram abrir corredores humanitários para facilitar a fuga dos civis em direção às fronteiras ucranianas e viabilizar o abastecimento de comida e remédios nas cidades sitiadas por tropas russas. Mais de 1,2 milhão de pessoas já deixou o país em guerra.

Taras Schmut/Twitter/Reprodução



Fragata afundada para que não caísse nas mãos dos russos

> **Se fizermos isso (bloquear o espaço aéreo russo), terminaremos com algo que pode se transformar em uma guerra total na Europa"**
>
> ***Jens Stoltenberg,***
> *secretário-geral da Otan*

Usina tomada

Ontem, as forças russas concluíram a ocupação da usina nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, atacada na noite anterior. Não há registro de danos aos reatores, mas o temor de uma tragédia radioativa tomou conta do planeta. "Sobrevivemos a uma noite que poderia acabar com a história. A história da Ucrânia. A história da Europa", disse o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, ao comentar o ataque.

"Não foram registradas mudanças no nível de radiação", assegurou a agência de inspeção das centrais atômicas da Ucrânia. Dos seis blocos da planta, um saiu de operação, quatro estão em processo de resfriamento e apenas um segue funcionando.

A China, que se absteve na votação da Assembleia Geral da ONU que condenou a Rússia, quarta-feira passada, pediu à comunidade internacional, por meio do embaixador chinês Zhang Jun, que "mantenha a cabeça fria e a racionalidade".

O lado russo, no entanto, rejeita a acusação de iniciar o ataque à usina. Para o embaixador russo, Vassily Nebenzia, a acusação "faz parte da campanha de mentiras" contra o país dele. Culpou as forças ucranianas pela iniciativa do combate e por criar uma "histeria artificial".

Ontem, no porto estratégico de Mariupol, a situação humanitária foi descrita pelo vice-prefeito, Sergei Orlov, como "terrível", após 40 horas de bombardeios ininterruptos que atingiram, inclusive, escolas e hospitais.

Na cidade portuária de Mykoolaiv, a resistência ucraniana decidiu afundar o principal navio de guerra do país, que estava ancorado para reparos. Os ucranianos não queriam que a fragata caísse em mãos inimigas, que avançam para a cidade na estratégia de ocupação do total da costa do Mar Negro.

Em Kiev e Kharkiv, há uma aparente desaceleração do avanço russo. Tiros foram ouvidos a Noroeste da capital. Há muitos carros de combate russos destruídos pelas ruas da cidade e arredores. A coluna de blindados russos, que chegaram a formar uma fila de 60 km, permanece estacionada fora de Kiev.

Zelensky voltou a pedir que a Otan bloqueie o espaço aéreo ucraniano, mas o secretário-geral da aliança, Jens Stoltenberg, disse não, mais uma vez. "Acreditamos que, se fizermos isso, terminaremos com algo que pode se transformar em uma guerra total na Europa, engolindo muitos outros países e causando muito mais sofrimento humano." (**VD**)

Ucrânia denuncia invasores por crimes sexuais

O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, acusou, ontem, os soldados russos de "estuprar mulheres em cidades ucranianas ocupadas", em um encontro virtual organizado pelo instituto de estudos em relações internacionais Chatham House, sediado no Reino Unido. O ministro também pediu a criação de um tribunal criminal especial para julgar o "crime de agressão" cometido por Vladimir Putin. Do encontro, também participou o ex-primeiro-ministro britânico Gordon Brown.

"Quando bombas caem sobre nossas cidades, quando soldados estupram mulheres em cidades ocupadas e, infelizmente, temos muitos casos de soldados russos estuprando mulheres em cidades ucranianas, é claro que é difícil falar sobre a eficácia do direito internacional", disse o ministro.

"Mas é a única ferramenta que temos para garantir que, no final, todos os que tornaram essa guerra possível sejam levados à justiça e que a Federação Russa, como país que cometeu um ato de agressão, também seja responsabilizada", acrescentou.

Dmytro Kuleba foi a favor da criação de um tribunal penal especial para julgar o "crime de agressão" russo em seu país, iniciativa apoiada por dezenas de especialistas em direito internacional e figuras como Brown e o escritor americano Paul Auster.

"Estamos perdendo uma arma crucial na luta legal contra Putin", disse Brown, que assinou uma petição para a criação de uma jurisdição especial.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Pagina:** 2

Copyright © Clipclap 2025.